

«ESQUADRÕES DA MORTE» ISLÂMICOS A CAMINHO DA GRÃ-BRETANHA PARA TENTAR MATAR RUSHDIE

Por GILBERTO FERRAZ, correspondente em Londres

«Esquadrões da morte» provenientes do Paquistão estão desde ontem a chegar à Grã-Bretanha para tentar matar o escritor Salman Rushdie, na sequência da oferta de 5,2 milhões de dólares de Khomeini a quem perpetrar o crime.

A notícia está a agitar o Mundo e em particular a Grã-Bretanha. O fanatismo islâmico começa a assumir proporções insustentáveis e a imagem mais eloquente disso mesmo foi dada ontem pelo embaixador do Irão junto do Vaticano, que declarou a um jornalista italiano que se Rushdie lhe passasse ao alcance não teria dúvidas em o matar.

Como se sabe, a Grã-Bretanha goza de uma das mais fortes tradições literárias do Mundo. Não surpreende, portanto, que, dos milhares de novos títulos de obras publicadas todos os anos, surjam certas controversias, mesmo até a nível religioso.

Porém, nenhuma obra como «The Satanic Verses» (Versos Satânicos), da autoria de Salman Rushdie, lançada há quase cinco meses, provocou autos-de-fé, demonstrações e violência, afectando, até, as relações diplomáticas entre as Grã-Bretanha e o Irão, que, como se sabe, estavam a ser lenta mas gradualmente restabelecidas.

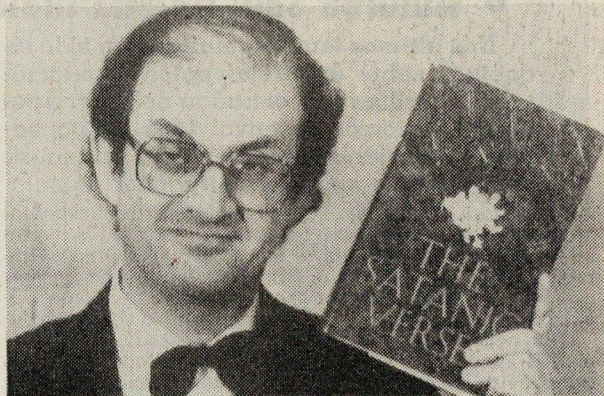
A recente afirmação do «ayathol» Khomeini, dirigente do Irão, que «tanto o autor como os editores da obra satânica devem ser mortos» e a imediata oferta de milhões de dólares de recompensa para os autores da execução, anunciada pela Rádio Teerão, representam o indesejável culminar de manifestações que tiveram início na cidade inglesa de Bradford, no Norte do país, e que se espalharam à Índia e ao Paquistão, onde os distúrbios causaram seis mortos. Em todas as manifestações se procedeu à queima do livro.

Durantes os últimos me-

ses o autor, estoicamente, tem-se procurado defender, afirmando que as pessoas e as organizações islâmicas que propõem a proibição da venda do seu livro, fazem-no, simplesmente, por desconhecimento, «pois não o poderiam ter lido». Até agora a sua vida nunca tinha estado em jogo, mas depois da notícia da «condenação», o autor não só pediu (e obteve) a protecção da Polícia, como de imediato se ausen-

dação britânico acusado de espionagem pelos iranianos — admitia que se estava perante «uma situação muito grave». Foi depois da tentativa frustrada feita pelo encarregado dos Negócios Estrangeiros britânicos, no Irão, anteontem, junto das autoridades de Teerão no sentido de se inverter a posição do «ayathol» que, em Londres, Geoffrey Howe decidiu convocar ontem o encarregado dos Negócios Estrangeiros iranianos em Londres, a quem informou «que a posição e a afirmação de Khomeini era inevitável».

O seu édito de morte contra o autor e editores do livro «The Satanic Verses», não



Salman Rushdie: de escritor consagrado a perseguido pelo fanatismo islâmico.

tuou para lugar incerto, anunciando, simultaneamente, a anulação da sua programada visita de promoção do livro aos Estados Unidos.

Entretanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Geoffrey Howe, embora interessado em não comprometer o esforço do restabelecimento das relações diplomáticas entre o Irão e a Grã-Bretanha e especialmente o ambiente favorável que facilite a condução das delicadas investigações sobre os reféns britânicos no Líbano — particularmente a prisão de Roger Cooper, ci-

E esse espírito que também preocupa os deputados britânicos. Christopher Smith, que representa o círculo eleitoral do autor condenado, apresentou ontem na Câmara dos Comuns uma moção que visa o desanuviamento da situação. Este deputado afirmou que o fazia a fim de «se falar contra a intolerância, particularmente quando sobre o meu constituinte pesa a ameaça de morte, vinda de um país estrangeiro e que é altamente condenável pela lei britânica».

Mas, qual a razão violenta contra o livro tanto por parte da Índia e do Paquistão como agora o Irão? Para o prof. Aziz al Azmeh, especialista em assuntos islâmicos na Universidade de Exeter, no sudeste da Inglaterra, as principais questões são políticas e não religiosas. Segundo ele, «a reacção da Índia deve-se aos vários recontos sectários que têm tido lugar nos últimos anos em todo o país. A situação no Paquistão, embora não tão complexa, fica a dever-se ao revés do partido do general Zia, nas últimas eleições que se seguiram à morte do dirigente paquistânês, e à posição de defesa dos ideais islâmicos defendidos por este partido. Foi isso que, com base numa reacção imediata, levou a Polícia a atirar contra os manifestantes que se concentravam junto de representações americanas». Foi esta situação que levou a liderança iraniana a actuar e a pronunciar-se sobre o livro.

A obra, que foi premiada em Novembro com o cobicção do prémio Whitbread, é tida como blasfema pela maioria islâmica de todo o Mundo, a começar pelo milhão de fiéis

islâmicos na Grã-Bretanha que, no entanto, a princípio se manifestou dividida pelo menos em termos de reacções fanáticas. Enquanto Bradford (cidade e distrito inglês com a maior concentração islâmica do país), teve os seus autos-de-fé, muçulmanos moderados procuraram acalmar os ânimos, especialmente os mais educados da numerosa comunidade islâmica em Londres, que se pronunciaram a favor de um desfile de desaprovação.

The Satanic Verses é uma parábola política e moral tumultuosa sobre a Grã-Bretanha e a Índia contemporâneas, países e comunidades que o autor conhece muito bem. Natural da segunda, veio para a Inglaterra aos 13 anos de idade, formando-se em Cambridge. Da parábola fazem parte duas vedetas indianas que miraculosamente sobrevivem a uma explosão de um «jumbo» a mil metros de altura. Subitamente processa-se uma metamorfose: uma delas em anjo e a outra em demónio. Esta, a parte inocua do romance. O pior está nas alegorias feitas a Maomé, à sua família e à própria fundação do Islão. E, pior ainda, é a sequência em que as prostitutas de um bordel são dados nomes de algumas das nove mulheres do Profeta, pondo até em questão a origem do Corão, que em vez de Deus, terá sido o próprio Maomé. Estas as afirmações intoleráveis para a maioria islâmica e que, segundo Khomeini, justificam a «morte» ao autor. O que ele, nem os fanáticos podem evitar, é o crescente aumento do interesse pela obra de Rushdie que actualmente ocupa o primeiro lugar nas tabelas dos «best sellers» britânicos.